

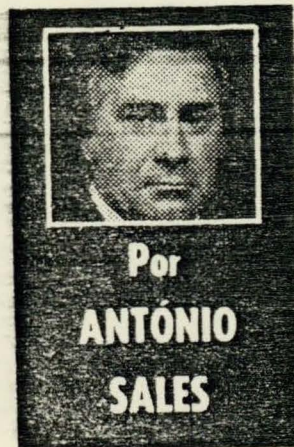
APONTAMENTO DE CIRCUNSTÂNCIA SOBRE JOSÉ CARDOSO PIRES

DESLIGANDO-ME de quaisquer objectivos de crítica literária e seguindo, tão-somente, o critério já aqui posto algumas vezes em prática de assinalar acontecimentos da vida e da cultura portuguesas que se destacam da modorra nacional pela sua qualidade, permiti-me articular uma prosa a propósito de um livro recentemente publicado e que dá pelo nome de «Balada da Praia dos Cães».

É seu autor José Cardoso Pires cujo manifesto talento de escritor está sedimentado por uma carreira de 34 anos no labor das letras (felizmente não comemorados, como vai sendo moda, em termos de efeméride), fortemente implementados nas camadas intelectuais e quicá o inverso no que respeita à sua popularidade como imagem de consumo.

Conhecido dos leitores com quarentas e cinqentas (que lêem livros e os lêem de autores portugueses) que aprenderam pela cartilha dos neo-realistas (passe a expressão vinculativa), é bem possível que ele seja para as novas gerações apenas um nome de lombada e um ilustre desconhecido das novíssimas dada a circunstância de tratarmos mal os homens das artes e em particular os das letras.

Este homem pouco dado a manchetes, sóbrio em promoções e de agudo sentido crítico vem construindo uma obra com paciência e rigor



à margem dos mundanismos que certas engrenagens exigem e a que nem sempre a vaidade humana resiste, e isso já seria só por si um motivo de regozijo numa terra de bentas presunções. Mas ler umas páginas inteligentes e brilhantes quando andamos lambuzados de prosa fácil a pingar baboseiras sabe bem, sobretudo num País onde a tendência é para menosprezar tudo quan-

to seja nacional evidenciando os defeitos e esquecendo as virtudes.

«Balada da Praia dos Cães» é a autópsia dos bastidores de um crime verídico e o quadro de uma época e de um sistema devorador. Paisagem de cinzentos cujo jogo das personagens levanta o pó de um cenário de fantasmas na cadência dos seus silêncios, das suas fúrias e dos seus pavores. Reconstituição ora fria e distante, ora amarga, ora humana, de um xadrez sobre o qual é permanente uma atitude reflexiva.

Possa não ser o tema a novidade, nem pela novidade aqui me prendo, pois a forma criativa e laboriosa me basta para sentir o fascínio com que o autor desmonta e recompõe as peças de uma engrenagem com a precisão do investigador que constantemente solicita do leitor a sua participação activa. Desconheço quanto tempo terá levado José Cardoso Pires a escrever o seu livro, não apenas riscando mas investigando, analisando, oficinando, percorrendo resmas de papel num trabalho esgotante porque dividido entre a excitação de criar e a ansiedade de escrever. Mais difícil quando se esteve mergulhado num

certo silêncio e as comadres compraziam-se, deliciosas, em lançar os seus venenos sobre a intelectualidade literata afirmando-a espremida dos miolos, estéril de expressão e de temas após o 25 de Abril. Não foi bem assim, como o tempo tem vindo a demonstrar e Cardoso Pires ajuda agora dando-nos um trabalho de talento que conforte a nossa descrente consciência.

Contrariamente às tradições do reino fico satisfeito quando as pessoas são bem sucedidas. A Nação é tão pobre de glórias que o contentamento é a única atitude razoável num País onde quase tudo corre mal e onde se cultiva o elogio da mediocridade para que nos sintamos mais aconchegados nas nossas vaidades provincianas que veneram os êxitos de circunstância. Perante um trabalho que evidencia exactamente o contrário sinto-me um pouco compensado da constante conversa de chacha que vai enchendo os meus ouvidos de teias de aranha.

É justo, pois, tirar o chapéu a um sujeito que esgalhou do seu com dignidade e mérito, qualidades estas caídas em desgraça. No mínimo, aplaudir os que se mostram vivos e lúcidos.